

JACQUES HUBER

QUANDO aceitou a incumbência de organizar o Museu Paraense, que lhe confiara o presidente LAURO SODRÉ, com propósitos de imprimir-lhe objetivos científicos, cuidou EMÍLIO GOELDI, suíço, de cercar-se de colaboradores de comprovado saber.

Assim, para dirigir a secção referente à Botânica, escolheu um patricio, JACQUES HUBER, nascido no cantão de Schaffhouse aos 13 de outubro de 1867, que já apresentava boas credenciais obtidas no curso do professor Flanhan, em Montpellier.

Entenderam-se às maravilhas os dois naturalistas suíços, e quando, por conveniências particulares, deixou E. GOELDI a direção do centro de estudos da Amazônia, para regressar à Europa, coube a HUBER substituí-lo na chefia.

Era o continuador natural, cuja permanência no cargo só se explica pela abnegação de sábio, mais interessado em investigar os fenômenos que lhe empolgaram a atenção do que em cogitar de suas vantagens pessoais, diante do descabro das finanças paraenses na fase da derrocada da indústria seringueira, em que se alicerçava a economia da Amazônia.

Ao assumir a chefia, em consequência da renúncia do seu antecessor, a 22 de março de 1907, ainda eram prósperas as condições financeiras do Estado, cujo sofrimento começou no quadriênio seguinte, engravescendo cada vez mais, à medida que baixava a cotação da borracha.

Acompanhou-lhe a intensificação da crise, que se esforçava por atenuar, com os ensinamentos de especialista, de lisonjeiro renome entre os maiores sabedores de quanto se relacionasse com as héveas.

Além dos estudos enfeixados em Arboretum amazonicum, Materiais para a Flora Amazônica, Matas e Madeiras Amazônicas, de títulos expressivos, por lhe espelharem a concentração das pesquisas nos assuntos regionais, aceitou, por volta de 1911, a representação do Pará na Exposição da Borracha em Londres e em Turim.

E, em seguida, percorreu as plantações de seringueiras de Ceilão, de Malaca e Índia Neerlandesa, onde teve ocasião de observar-lhes o desenvolvimento e utilização crescente do látex, de que resultaria o rápido barateamento do produto.

Decorrido breve prazo, comparece à Exposição de Borracha de 1912, em New York, quando já possuía argumentação abundante para a defesa da economia amazônica, às vésperas de sossobrar, aniquilada pela concorrência avassaladora dos seringueis cultivados, de custeio mais baixo.

O ardor com que defendia os interesses do Brasil, feito seu delegado, induziu mais de um observador a atribuir-lhe por berço o país a que hipotecou o seu saber imenso e o gosto de bem servi-lo.

Não lhe faltou, na ocasião, oferta vantajosa, asseverou o barão de Studart, seu amigo. Preferiu, entretanto, continuar no ambiente, propício às pesquisas, do Hórto Botânico, em cuja formação tanto se esmerara.

Esforzava-se por aparar o golpe fatal, que antevia, com o sinistro cortejo de suas consequências malignas.

Ainda nutria esperanças de poder contribuir para evitar a falência total, quando, inesperadamente, emudeceu a 17 de fevereiro de 1914, antes de completar dois decênios de atividades científicas no Brasil.

Nesse período, cumpria-lhe especialmente o estudo botânico da região, que realizava com a precisão de pesquisador sagaz.

Ao mesmo tempo, todavia, não se descuidava dos problemas geográficos, versados sempre que se lhe propiciava ocasião.

Assim é que em sua extensa bibliografia, além das memórias exclusivamente botânicas, figuram:

Viagem em companhia do Dr. E. Goeldi ao Contestado (1895); Excursões à ilha de Marajó (1896); Viagem ao rio Capim (1897); Viagem ao Ceará (1897); Viagem ao Ucaiali e Hualaga (1898); Viagens a Santarém e Monte Alegre, ao Salgado e ao rio Guamá (1898); Viagem ao rio Aramã (Marajó) (1900); Excursão a Marajó, Camaran (1902); Excursão a Santo Antônio do Prata (1903); Viagem ao rio Purus e Baixo Acre (1904).

Dessas peregrinações não regressava apenas com as observações acérricas das plantas encontradas, muitas das quais pela primeira vez entraram nos anais botânicos pelas mãos do naturalista, designadas de acôrdo com a nomenclatura científica.

Para mais acentuadamente evidenciar quanto se comprazia nas investigações geográficas, elaborou ensaios expressivos, a saber:

"Aperçu géographique de la region du Bas Amazone (Le Globe, mai, 1901); Sur les champs de l'Amazone intérieur et leur origine (compte rendu au Congrès International de Botanique de Paris (1900)); La vegetation de la vallée du Rio Purus; Contribuição à Geografia Física dos Furos de Breves.

Basta o último ensaio para lhe realçar a segurança dos conceitos, ainda em matéria estranha à especialização, em que lhe era acatada a opinião esclarecedora.

Assim principia: "Apesar da sua proximidade da capital e do seu fácil acesso, a parte ocidental da grande ilha de Marajó e a região atravessada pelos furos que ligam o Amazonas com o rio Pará são ainda pouco estudadas sob o ponto de vista da Geografia Física".

Cita os exploradores que o precederam, de La Condamine ao príncipe Adalberto e ao grupo americano de Hartt, cujas observações a respeito da "geologia, botânica e hidrografia" remataram com a hipótese de serem "os furos como restos de um antigo braço do Amazonas".

E ao começar a explanação, limita a área que analisara entre o Uituquara, ao norte, o rio Macacos e Breves, a leste, as baías de Portel, Melgaço e Eôcas, ao sul e furo de Tajapurú e sua continuação meridional, o Tajapuruzinho, a oeste.

Nessa região, "a feição hidrográfica mais importante, opinou, parece ser o fato de que a maré provoca correntezas contrárias e não, como na bôca do Amazonas, simplesmente uma repêsa mais ou menos forte".

Ainda mais, "a parte meridional dos furos está sob a influência do sistema hidrográfico do estuário do Pará; a porção setentrional é dependente do regime fluvial do Amazonas".

"O ponto onde se encontram, num furo determinado, a influência hidrográfica do Amazonas e a do estuário do Pará, é chamado, pela gente do país, pelo termo técnico muito apropriado de encontro d'águas".

O fenômeno, porém, não se verifica em tôda a área analisada, onde o naturalista distinguiu três zonas bem delimitadas: a dos furos de Breves propriamente ditos, cujos cursos d'água estão em comunicação franca de um lado com o Amazonas, do outro lado com o estuário do Pará e mais ou menos sujeitos às flutuações das marés provenientes de ambos os lados; a do Aramá e do Anajás, "rêde de canais naturais que dependem só do pulso do Amazonas"; a da Laguna e das baías, de "furos obstruídos pelo lado do Amazonas, abertos do lado do estuário do Pará, e dependentes das marés dêste".

Largos de 45 a 460 metros, os furos aprofundavam-se em cava de 10 a 55 metros, na qual escorria mansamente água barrenta, propícia à formação de ilhas.

Investigou-lhes a formação, interpretada cabalmente.

O primeiro sinal manifesta-se por exíguo banco de areia, mais tarde recoberto de tijuco, emerso na baixa mar.

Quando se lhe alteia o nível, já em condições de reter sementes conduzidas de bubuia, começam a medrar as plantas mais apropriadas à consolidação da lama inconsistente: a aninga (*Montrichardia arborecens*, Schot) e o aturiá (*Drepanocarpus lunatus*, Meyer).

Uma ou outra, pois que de ordinário não participam da mesma associação vegetal. A ilha nascente amantear-se-á de aningal ou de aturiázal, de cujo seio romperá, mais tarde, o mangue (*Rhizophora Mangle*, L, var. *racemosa*, Meyer) a cuja sombra irá perecendo a outra planta, sufocada pela folhagem mais densa da sua concorrente.

Sobrevivem remanescentes apenas na orla insular, enquanto cresce a mata.

A miriti (*Mauritia flexuosa*, L. f.), a açai (*Euterpe oleracea*, Mart), a jupati (*Raphia vinifera*, var. *taedigera*), indicativa da influência das marés, a ubuçu (*Manicaria saccifera*, G.) alteiam as suas palmas, a que se juntam não raro as da bacaba (*Oenocarpus distichus*, Mart) da inajá (*Maximiliana regia*, Mart), da paxiúba, (*Iriartea exorrhiza*, Mart).

Embora imprima à fisionomia da vegetação o cunho das suas características, não constituem as palmeiras os elementos exclusivos da região, onde medram também a andirobeira (*Carapa guyanensis*, Aubl.), a seringueira branca (*Hevea brasiliensis*, Mull Arg), o tape-rebá (*Spondias lutea*, L.), leguminosas de alto porte, rosáceas, sapotáceas, da valia da maçaranduba (*Mimusops globosa*, Gaerth), "árvore de madeira excelente e de frutos muito saborosos, mas cujo valor é principalmente no leite que fornece um excelente sucedâneo da guta-percha".

Era assunto em que se comprazia o botânico, a quem se afigurou incompleta a classificação lito-geográfica proposta por H. SMITH.

E, por isso, indicou a modificação que se fazia necessária, consoante a qual a planície aluvionar do Amazonas comportava três divisões:

1.º — a zona do estuário, até a foz do Xingu, formada, em parte, de mata, em parte de campos.

2.º — a zona dos campos do baixo Amazonas, da foz do Xingu até Óbidos ou talvez ainda mais adiante.

3.º — a zona dos igapós do Alto Amazonas.

Pôsto não fôsse o único ensaio elaborado à luz da ciência geográfica, as pesquisas acêrca da "Região dos Furos de Breves" justificam-lhe a inclusão do nome acatado na galeria dos doutos que aplicaram o seu saber ao exame dos fenômenos relacionados com a Geografia do Brasil.

VIRGÍLIO CORREIA FILHO

